

**Cinema até os ossos**  
**Cinema to the bone**  
**Cinéma jusqu'à l'o**

Comentário crítico do filme *Até os ossos*\*

Guilherme Coelho\*\*



“Sete mil vezes eu tornaria a viver assim”: aprendendo mais sobre mim ao ver filmes como *Até os Ossos* e me vendo capaz de ter empatia pelo *outro* — aquele que é de fora, aquela que é estranha, que está em desajuste. Neste caso, os canibais do ótimo filme de Luca Guadagnino.

Impossível não comparar o filme de Guadagnino com o novo de Noah Baumbach, “Ruído Branco”, também em cartaz. Uma besteira, o filme de Baumbach não nos interessa por seus personagens, tampouco por sua trama (que se inicia com um incidente tóxico-apocalíptico — e o abandona).

Macaqueando o sucesso, “de época”, de “Stranger Things” (que, por sua vez, macaqueava “ET” e “Goonies”), “Ruído Branco” é um desperdício de 90 milhões de dólares. Ao final da sessão, eu calculava: quantos ótimos filmes o coletivo mineiro Filmes de Plástico nos poderia dar com essa dinheirama?

Já *Até os Ossos* é cinema até o fim, sem nunca terminar. Pois o bom cinema, quando é livre, quando é filmado com frescor e vigor, nos eleva e não acaba quando sobem os créditos; entranha-se na nossa pele, até os ossos. Não voltamos ao estado em que entramos na sala de cinema. Este cinema com verdade nos coloca na rua de olhos limpos, desobstruídos de clichês,

---

\*Direção: Luca Guadagnino / Roteiro: David Kajganich / Produção: EUA/Reino Unido/Itália. 2022

<sup>2</sup> Diretor de cinema e documentarista

ORCID - 0000-0001-5522-1976

[guilherme@matizar.com.br](mailto:guilherme@matizar.com.br)

prontos para estar no mundo com mais coragem — e com menos bobagem e neurose. E com fome de vida.

*Até os Ossos* nos pega pelas vísceras com personagens muito familiares (gente à margem) — e *sexys*: Timothée Chalamet e Taylor Russel. O filme exacerba neles a condição de alteridade (que, na tradição narrativa europeia, é o judeu, o errante; e hoje, no Rio, poderia ser um morador de rua).

Guadagnino potencializa o conflito universal de não pertencer, ao dar um salto no escuro (levando-nos junto numa encenação leve e, ao mesmo tempo, intencional), mostrando seus personagens amaldiçoados por uma condição, para mim, estranha-familiar: são canibais.

Em conversa com a psicanalista Betty Fuks, entendi que o estranho-familiar é definido por Freud como aquilo que nos gera medo porque provém do que é recalcado – o inconsciente. Afeta-nos de modo estranho aquilo que está dentro e fora de nós mesmos — e que, se analisado, nos pode transformar. O filme de Guadagnino inquietou-me e fez-me pensar no que me é estranho-familiar (eu só espero não sair mordendo qualquer um por aí).

Ou pior. Meu pavor agora é começar a gostar de filmes de gênero fantasioso. Super-heróis, monstros: tudo isso sempre me deu preguiça. Eu gosto mesmo é de drama familiar, gente lidando com gente. Corpete e capa, para mim, é para brincar no carnaval. Para que ficar dando moral para mitos, fanfarronices, gratuidades (na arte e na política também)?

Mas agora não paro de pensar nestes dois canibais. Sente o drama.

Quase “normais”, Lee e Maren, os protagonistas do filme *Até os Ossos*, poderiam ser apenas dois adolescentes ou jovens adultos neurodivergentes e à deriva. Também o são. E, além disso, precisam comer gente. Não se controlam. E têm consciência, problematizam isso. E se amam. E acima de tudo, querem pertencer. Como você — e como eu.

Comendo gente, sem limites, agressivos e doces, estes personagens me foram familiares — intimamente. E também em relação ao Brasil esgarçado de hoje. São pessoas de verdade (ou quase), num filme simbólico que ressoa num mundo tão precarizado, volátil, imprevisível, complexo e ambíguo.

Como na canção de Caetano, gente que quer habitar todos os cantos do ser, em noites de fogo e de paz. Gente com a qual a gente se identifica e que nos ensina sobre nós mesmos. Mesmo comendo outras pessoas — e se lambuzando até os ossos.

**Citação/Citation:** Coelho, G. (2022) Cinema até os ossos. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 141-142.

**Recebido:** outubro de 2022

**Aprovado:** janeiro de 2023